



**A EXPERIÊNCIA
DO FORA NO
ENSINO DE ARTE**

LETICIA BRITTO

A Arte não representa um mundo, mas é “o outro de todos os mundos”, como afirma Blanchot. A criação não é um lugar de razão, mas de desrazão e loucura, é o fora, que se constitui pelo encontro com as forças, o embate com as certezas e funda-se sobre o estremecimento do sujeito cartesiano. Criar é desmoronar o EU para dar vista ao ELE.

Para criar e pensar é necessário estar no Fora, é preciso que um abalo ocorra a partir de um estranhamento. Parte da potência da Arte está no fato dela ser estranhamento.





Arte não é “...reflexão, mas esquecimento, nenhuma contradição, mas a contestação que apaga...” (FOUCAULT, 2009, p. 224 a 225)

O ensino de Arte que percebemos atualmente, nem sempre causa estranhamento, pois em determinados momentos acaba ensinando SOBRE e não COM. Respectivamente, ensina sobre os artistas, sobre os aspectos técnicos da obra, por meio de releituras, biografias e não por meio da criação. Quando falamos em criação, não nos referimos à prática de livre expressão. Para que possamos efetivamente desenvolver a Arte como criação, é necessário perceber que ela não é metáfora de uma realidade, mas metamorfose, pois se modifica continuamente.

Arte não é representação, mas apresentação. Por isso deve provocar / atravessar / afetar / estranhar. Para que assim o estudante possa criar algo novo a partir de um conhecimento, metamorfosear a obra, não a ler nem reler. A educação atual ainda mantém uma base transcendente e moralista, crê na perfeição inalcançável. Mais vantajoso seria se fosse imanente e ética, reconhecendo o neutro, as potencialidades e diferenças que cada um possui em sua exterioridade.





O Neutro é potência que não se encerra em si mesmo. Ordem do indecível. Não aniquilar, através de uma só decisão todas as possibilidades possíveis. (RIBEIRO, 2014, p.165)

O neutro não se opõe e não escolhe nada, mas se ramifica para todos os lados. É a destituição de qualquer sujeito, objeto ou subjetividade. É o desconhecido, aquilo que carrega o estranho. Está permeado de silêncio. Para atingir o neutro é necessário desdobrar-se. Desdobrar-se é ver-se no outro (o eu liberto de toda interioridade, o outro em si mesmo, vazio de clichês e certezas). Trata-se da morte do autor.

Ao criar,

[...] o homem acorrentado obtém imediatamente a liberdade para ele e para o mundo; nega tudo o que ele é. Nesse sentido, sua obra é um ato prodigioso, a maior e a mais importante que existe. (BLANCHOT, 2011, p.325)

Para Barthes, a obra antecede até o próprio autor, e este nada mais é do que aquele que a produz. Desta forma a aula e a produção artística (na educação), assim como o texto e a obra são importantes por si só, independente de quem os criou e de sua intencionalidade, visto que possuir intenção extingue o embate da criação.





Deleuze e Guattari afirmam que a Arte é monumento, existe por si só. Sendo assim, a morte do Autor também inclui a substituição da questão: ~~O que é ser professor?~~ Por: Como estou sendo professor? Pois não existe uma identidade de professor.

Criação na docência é definir sua metodologia em sala a partir da desconstrução dos paradigmas e clichês, ensinar recusando a representação e a reprodução. O ensino de Arte solicita que o professor seja provocador e não modelo, para que seja possível aprender COM e não COMO outrem.

“Imagens do Fora”

- **Figura 1** – Jackson Pollock. *Number 23*, 1948. Esmalte sobre tela, 575 X 784 cm.

- **Figura 2** – Arthur Bispo do Rosário. *Atenção Veneno*, s/ data. Madeira, tecido, linha e metal, 93 X 74 cm.

- **Figura 3** – René Magritte. *A Traição das Imagens*, 1928-1929. Óleo sobre tela, 63,5 X 93,98 cm.

- **Figura 4** – Vincent van Gogh. *Os Girassóis*, 1888. Óleo sobre tela, 98 X 69 cm.

- **Figura 5** – Marcel Duchamp. *Fonte*, 1917. Cerâmica, 61 X 36 X 48 cm.

- **Figura 6** – Banksy. *S/ título*, 2008. Graffiti.

- **Figura 7** – Frans Krajcberg. *Conjunto de Esculturas*, 1980. Pigmento natural sobre caules de palmeiras.

- **Figura 8** – Lygia Clark. *Bicho-Maquete (320)*, 1964. Alumínio.

Referências

- BARTHES, Roland. **A morte do Autor**. [Texto publicado em: O Rumor da Língua. São Paulo: Martins Fontes, 2004]. Disponível em: http://www.artesplasticas.art.br/guignard/disciplinas/critica_1/A_morte_do_autor_barthes.pdf Acessado em: 23 jul. 2018.
- BLANCHOT, Maurice. **A parte do fogo**. Tradução Ana M. Scherer. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- DELEUZE, G e GUATARRI, F. *O que é filosofia?* 2ed. São Paulo: Editora 34, 1993. Disponível em: <https://pedropeixotoferreira.files.wordpress.com/2014/03/del-euze-gilles-guattari-fecc81lix-o-que-ecc81-a-filosofia.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2018.
- FOUCAULT, Michel. **Estética: literatura e pintura, música e cinema**. (org.): Manoel de Barros da Motta: Tradução Inês Autran Dourado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009 (Ditos e escritos III).
- RIBEIRO, Helano Jader. *Pensar o neutro e seu silêncio: esta radicalidade em potência. outra travessia*, Florianópolis, n. 18, p. 161-170, jun. 2014. ISSN 2176-8552. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/Outra/article/view/2176-8552.2015n18p161>. Acesso em: 23 jul. 2018.